



CLAYTON DE SOUZA/ESTADÃO - 28/11/2007

PAISAGEM

NA ARQUITETURA HUMANA

Em BH, o Arq.Futuro debate novas formas de estruturar áreas mineradoras

Fernando Serapião
ESPECIAL PARA O ESTADO

Das novas torres do World Trade Center em Nova York aos barcos do Grotão na favela de Paraisópolis, em São Paulo: independentemente do tamanho, técnica construtiva ou uso, todas as construções humanas utilizam componentes que dependem da cadeia produtiva da mineração. Por isso, se pensarmos só pelo aspecto de proporcionar o abrigo ao homem, essa atividade econômica é absolutamente vital para a vida humana. Esse o tema do seminário Arq.Futuro que ocorre hoje e amanhã em Belo Horizonte, com o título A Construção da Paisagem.

Aproximando o foco e imaginando uma relação mais direta, podemos dizer que a conexão entre arquitetura e minério está presente no DNA da cultura brasileira. Penso, sobretudo, na

● **União**
Arquitetos e urbanistas devem ajudar a preparar as cidades para o dramático período pós-produção do minério, primeiro, tratando as cicatrizes expostas

ocupação de Minas Gerais: desde o século 18, com o ciclo do ouro, a mineração não só foi o pilar econômico da região, mas também financiou as obras do barroco mineiro. Em outras palavras, o mesmo ouro que gerou divisas foi eternizado nos trabalhos de Aleijadinho e Mestre Atayde. Há muito tempo se conhece também as turbulências que o fim dessa atividade econômica provoca. A diminuição da produção dos metais preciosos, por exemplo, desaguou na Inconfidência Mineira.

Após o declínio econômico, a atividade extrativa voltou a participar ativamente da economia mineira no início do século 20, com o incremento da siderurgia. Trata-se de outro ciclo vital de negócios que perpetuou (ao menos) duas obras que compõem o imaginário da cultura arquitetônica nacional: o aclamado e palpável conjunto da Pam-

pulha, obra-prima de Oscar Niemeyer, e a desconhecida e impalpável Vila Monlevade, proposta de Lúcio Costa que não deixou o papel, mas é considerada por muitos críticos como a manifestação inaugural de um modo autônomo de pensar a arquitetura moderna no Brasil.

A Vila Monlevade do urbanista que depois idealizou Brasília foi sua resposta para um concurso de arquitetura promovido pela Belo-Mineira. Ele não ganhou a disputa – não foi sequer classificado –, mas suas ideias permaneceram. Elas nos dizem muito em relação à saudável ocupação de um novo território: no caso, uma vila operária em Sabará, com moradias, posto médico, clube, escola, igreja e armazém.

Uma das diretrizes de Costa foi criar “uma implantação melhor ajustada às particularidades topográficas locais”. Sustentável antes de existir essa palavra,

ele propunha interferir com muito cuidado na natureza, pois entendia que essa era a melhor maneira de ocupar a paisagem. Nesse sentido, há um contraponto direto entre a violência necessária para extrair o minério – que garante a vida humana – com a situação ideal para o cotidiano do homem, que deve tratar a natureza com delicadeza.

Mas se o projeto de Costa não foi adiante, existem bons exemplos implantados de novas cidades ou vilas construídas para atender os trabalhadores da atividade mineradora. Um exemplo pertinente é o conjunto habitacional da CBMM, criado em 1979 em Araxá. O desenho do escritório paulistano Rino Levi (de autoria do uruguaio Carlos Arcos) segue a mesma lógica de Lúcio Costa: modifica pouco a paisagem construindo casas para os trabalhadores da empresa de nióbio, equilibrando-as nas curvas

Pampulha.
Crescimento da siderurgia no início do século 20 possibilitou a obra-prima da Niemeyer

de nível da topografia natural. No entanto, o caso mais expressivo no Brasil é a Vila Serra do Navio, no Amapá, edificada na década de 1950 com projeto de Oswaldo Bratke. Trata-se de uma cidade inteira, com capacidade para quase 4 mil habitantes, materializada no meio da selva amazônica para abrigar os trabalhadores da empresa de origem mineira Icome, que ganhou a concorrência para extrair manganês. Em sua obra-prima, Bratke criou um núcleo urbano autossuficiente, uma espécie de ilha no meio da selva, que proporcionou o bem-estar das pessoas envolvidas na mineração.

Botânicos. As casas não tinham muros e na área central da cidade o pedestre era protegido do sol e da chuva por um sequência de marquises. O arquiteto desenhou tudo – das casas de madeira às camas dos funcionários, das luminárias à escola – e se envolveu até mesmo em pesquisas com botânicos, que criaram um cinturão de árvores exóticas em volta da cidade para minimizar o ataque de insetos. Tombado pelo órgão de patrimônio federal por sua importância artística, a cidade atualmente definha, pois o inevitável ocorreu com a matriz econômica: a produção secou.

Além de ajudar a proporcionar bem-estar durante o período produtivo, arquitetos e urbanistas podem colaborar para preparar as cidades para o dramático período pós-produção. Em primeiro lugar, ajudando a tratar as cicatrizes expostas. Em todo o País, infelizmente, são poucas as obras relevantes que tratam de áreas mineradas – vale lembrar duas de pequena escala e em zona urbana: a Universidade Livre do Meio Ambiente e a Ópera do Arame, obras interessantíssimas em Curitiba criadas pelo arquiteto Domingos Bongestabs.

Em segundo lugar, os projetistas podem ajudar a definir uma nova vocação para as regiões mineradoras. Todos sabem que os recursos são finitos e em Minas Gerais, por exemplo, a mineração corresponde a 5% do PIB: o que fazer quando tudo isso acabar? Na Bahia, por exemplo, o projeto do Centro de Referência de Igatu foi imaginado pelo escritório paulista Brasil Arquitetura. A ideia é ajudar a transformar uma antiga área de extração de diamantes mudando o foco para o turismo ecológico e cultural. O projeto está pronto e busca financiamento para sua implantação.

Inhotim. É sempre melhor planejar a nova vocação antes do fim do minério. Nesse ponto, é significativo o exemplo de Bernardo Paz e Inhotim: sem auxílio governamental significativo, parte dos recursos advindos da atividade mineradora está financiando a construção de um grande complexo artístico e botânico que ajuda a região de Brumadinho a ter outro foco. Ali, equipes de arquitetos jovens – como os mineiros dos Arquitetos Associados e Rizoma – estão colaborando para colocar de pé essa proposta revolucionária.

Outra iniciativa positiva é o financiamento que a Vale do Rio Doce fará, através de uma contrapartida social, em um campus inovador de uma universidade federal, para 10 mil alunos, criado por Gustavo Penna. Assim, a mineradora irá auxiliar na capacitação dos moradores de Itabira, região em que atua.

Contudo, esse assunto não é exclusivo de arquitetos e urbanistas: envolve outros profissionais, de economistas a ecologistas. É um debate que deve envolver todos – empresários da mineração, políticos e, sobretudo, a sociedade. Só assim encontraremos caminhos para tratar as cicatrizes que, de alguma forma, nos ajudaram a nos manter vivos.

*
FERNANDO SERAPIÃO É CRÍTICO DE ARQUITETURA E CURADOR DO ARQ.FUTURO

/ 23 GALERIAS PARTICIPANTES

DE BELO HORIZONTE, CURITIBA, RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO E NOVA YORK

/ CICLO DE ENCONTROS COM FOTÓGRAFOS

POR ZUM REVISTA DE FOTOGRAFIA

SEXTA-FEIRA / 09 NOV / **CAIO REISEWITZ** E **LORENZO MAMMI**
SÁBADO / 10 NOV / **MAURO RESTIFFE** E **AGNALDO FARIAS**
DOMINGO / 11 NOV / **CLAUDIA ANDUJAR** E **AUGUSTO MASSI**

/ LANÇAMENTOS DE LIVROS

POR LIVRARIA DA VILA

QUINTA-FEIRA / 08 NOV
SÃO PAULO – SÉCULO XXI / FAUSTO CHERMONT
MAUREEN BISILLIAT / MAUREEN BISILLIAT

SEXTA-FEIRA / 09 NOV
O DESIGN DE BEA FEITLER / BRUNO FEITLER [ORG.]
AMAZÔNIA / EDU SIMÕES
CAMINHANDO COM PORTINARI / ALAN NIELSEN

SÁBADO / 10 NOV
REPAISAGEM SÃO PAULO / MARCELO ZOCCHIO
ZUM #3 / ZUM REVISTA DE FOTOGRAFIA

ESTA SEMANA A 6ª EDIÇÃO DO ENCONTRO DE FOTOGRAFIA DO ARQ.FUTURO NO SHOPPING JK IGUATEMI

08 A 11 DE NOVEMBRO

QUI-SEX 16-22H / SÁB-DOM 14-20H
SHOPPING JK IGUATEMI / 3º PISO
AV. PRES. JUSCELINO KUBITSCHKE, 2041
ENTRADA GRATUITA

ACOMPANHE OS HORÁRIOS E A PROGRAMAÇÃO COMPLETA PELO SITE: WWW.SP-ARTE.COM/FOTO